

EUGÈNE SUE, O ESQUECIDO REI DO ROMANCE-FOLHETIM

Taciana Martiniano de OLIVEIRA*

RESUMO: O amplo espaço conquistado pelo romance-folhetim na França oitocentista, assim como em inúmeros outros países, incluindo o Brasil, está intimamente associado à figura de Eugène Sue, escritor francês que pertence à terceira geração romântica e que, embora pouco conhecido, foi um dos grandes divulgadores da literatura popular. O sucesso alcançado com a publicação dos *Mystères de Paris* (1842-1843), seu primeiro romance-folhetim a associar o universo gótico ao urbano, além de inspirar outros escritores, que se destacariam até mais que ele no próprio gênero, abre caminho para a literatura dita de massa, inspirando outros estilos literários, entre eles, o romance policial. Mais tarde, os novos suportes de comunicação, tais como o rádio e a televisão, em muito contribuiriam na evolução e manutenção do folhetim, garantindo-lhe sucesso até nossos dias, com nova roupagem. No entanto, embora o gênero tenha se perpetuado, tal não foi a sorte de Eugène Sue, cujo nome, raramente lembrado, é ocasionalmente citado em manuais literários. Reconhecendo a importância de sua obra para o contexto literário, o presente artigo tem assim a intenção de promover alguns de seus escritos, traçando uma espécie de paralelo entre a evolução do autor e a evolução do homem.

PALAVRAS-CHAVE: Romance-folhetim. Eugène Sue. Romance marítimo. Romance social. Literatura francesa.

Introdução

Outrora conhecido como o *rei do romance-folhetim*, o nome de Eugène Sue será raramente associado a este qualificativo, trazendo consigo, contrariamente, a eterna imagem de *dandy socialista*¹, assim como era rotulado por outros

* Doutoranda em Estudos Literários. UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras. Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - taciana2108@gmail.com

¹ Confira Bory (1962).

escritores de sua época. No entanto, tal epíteto nos parece ocultar uma obra rica e multiforme que, tendo se iniciado com o romance marítimo, cuja fonte de inspiração provém de suas próprias experiências na marinha francesa, passa igualmente pelo romance de costumes, pelo romance histórico, até alcançar o auge de seu sucesso, com o romance social e urbano². Estes últimos, denunciando as injustiças sociais e a opressão sofrida pela Igreja e pelo Estado, descrevem com intenso realismo as condições de miséria vividas pelo proletariado, retratando, como até então não se havia feito, outra realidade de Paris, seus recantos sombrios, imóveis em ruínas, ruas e passagens sujas e mal cheirosas. É por meio do romance social que Sue irá reafirmar seu verdadeiro talento para o folhetim. Associando sua ousadia e ironia características a acirradas críticas à religião, à burguesia e à aristocracia, defendendo e divulgando as ideias socialistas em voga, Sue irá criar uma estreita relação com seu público leitor, pelo qual será idolatrado. No entanto, nada disso será suficiente para que seu nome seja posteriormente lembrado.

Os primeiros passos como escritor frequentador da burguesia

Nascido em Paris, em 26 de janeiro de 1804³, Eugène Sue, aliás, Marie-Joseph Sue, era filho, neto e bisneto de cirurgiões da corte parisiense, originários da Provença, no sul da França. Estudante, destacou-se por sua rebeldia e insubmissão, elegante e pretensioso, parecia sentir prazer nos excessos. Aos 17 anos, após interromper seus estudos, é inscrito pelo pai, então cirurgião da guarda imperial de Napoleão Bonaparte (1804-1814), como estagiário em cirurgia. No entanto, sem ambições para seguir os passos da família, Sue abandona novamente os estudos e se envolve em negócios duvidosos, contrai dívidas e frequenta mulheres casadas. Aos 22 anos, numa nova tentativa de corrigir o filho rebelde, o pai o inscreve como auxiliar cirúrgico na marinha francesa. Serão três anos a bordo de um navio durante os quais Sue irá, entre outros, descobrir a Espanha, a Grécia, as Antilhas, irá contrair a febre amarela na Martinica e presenciar a batalha de Navarino (1827), palco do massacre da frota turco-egípcia pela frota aliada, representada pela França-Inglaterra-Rússia. Com relação às suas qualidades enquanto cirurgião, segundo suas biografias, parece ter feito sozinho mais estragos que toda a guerra.

² A bibliografia de Eugène Sue, segundo Francis Lacassin (1983), contém: 7 romances marítimos; 11 romances de costume; 10 romances históricos; 15 romances sociais; 2 coletâneas de contos; 8 obras políticas; 19 obras teatrais; 6 obras diversas.

³ Existem controvérsias sobre a data e o ano de seu nascimento. Optamos aqui pela data presente na biografia escrita por Légouvé, amigo e meio-irmão de Eugène Sue.

Retornando a Paris, em 1829, a mente repleta de exotismo e de imagens vistas e vividas, Sue dá seus primeiros passos como escritor, publicando artigos polêmicos contra os republicanos e romances marítimos. Segundo a biografia escrita por Legouvé (1886), Sue teria partido menino e retornado poeta e escritor sem o saber, e as lacunas causadas pelo precoce abandono escolar teriam sido compensadas por um misto de força, imaginação e sarcasmo, características que viriam a ser marcas de seu estilo.

Datam dessa época dois importantes salões que, frequentados pela burguesia e situados no Faubourg Saint-Germain, exercem uma grande influência sobre a literatura. Sue, frequentador de um deles, o salão de Mme Rauzan, encontra ali seus primeiros admiradores que se comprazem com seus escritos ricos em emoção, aventura e situações dramáticas. Sue irá atrair a atenção da crítica desde a publicação de seu primeiro romance marítimo, *Kernok le pirate* (1830)⁴, inspirado em J. Cooper e Lord Byron. Outras críticas positivas, vindas de escritores como Balzac, o incentivarão a publicar no mesmo ano *El Gitano*⁵, seguido de *Atur Gull* (1831)⁶ e *Salamandre* (1832)⁷, todos romances marítimos igualmente bem acolhidos pela crítica.

Os romances marítimos

Associando ao romance *noir* suas experiências marítimas, Sue dará vida a personagens de moral duvidosa e alma atormentada, num mundo onde não há reconhecimento por boa conduta, bravura ou generosidade. Críticos, trágicos e irônicos, seus romances marítimos trazem consigo viagens a terras distantes, exotismo, naufrágios e canibalismo. Em *Kernok*, publicado pelo jornal *La Mode*, são descritas cenas brutais de espancamentos, homens sendo queimados vivos ou abandonados feridos no mar. No entanto, apesar de dramática, a obra é permeada pelo humor negro e pela ironia, omnipresentes ao longo de toda a narração. Ao final do romance, Kernok, outrora pirata cruel e sem escrúpulos, decide viver numa pequena cidade enquanto “burguês aposentado”, sendo respeitado pelos demais habitantes e pelo próprio padre por pertencer à classe privilegiada. A obra critica assim a superficialidade do julgamento da sociedade e da Igreja, aos olhos das quais somente o dinheiro e a posição social importam.

⁴ Publicado em 3 folhetins pelo jornal *La Mode*. Confira Sue (2012).

⁵ Publicado em 4 folhetins pelo jornal *La Mode*. Confira Sue (1996).

⁶ Publicado em fragmentos pelo jornal *La Mode*. Confira Sue (1952).

⁷ Publicado em fragmentos pela *Revue de Paris*. Confira Sue (1966).

Já o anti-herói de *El Gitano* (1830), igualmente divulgado pelo jornal *La Mode*, é mostrado como um criminoso inteligente, corajoso e calculista, embora sensível em determinados momentos. Humor negro, ridicularização de tradições (touradas, superstições) e de personagens pertencentes à burguesia e à Igreja (corrupção, trapaças, traições) são alguns dos temas presentes neste romance-folhetim que narra a história de um perverso contrabandista conhecido como *El Gitano*, ou “o maldito”, cujos valores contrastam com a covardia e a imoralidade dos homens que o odeiam. A crueldade da personagem, mostrada como decorrência de seu passado (pai assassinado por um cristão em sua infância, irmã desonrada e morta pelo próprio personagem para escapar à humilhação, traição amorosa), dissimula o rancor e a insatisfação de Gitano, cujas últimas palavras, melancólicas e sombrias, trazem consigo a ideia romântica de vida desperdiçada, do anti-herói de coração nobre e inapto à vida em sociedade, a qual, por sua vez, se mostra corrompida e imoral, tanto quanto ele.

El Gitano traz uma viva crítica à religião ao contrastar as ações dos próprios religiosos aos valores por eles pregados (o bispo que fornece secretamente ao Gitano a mercadoria contrabandeada; o monge que, enquanto o acompanha a fim de atestar a qualidade da mercadoria, prega lições de moral e de virtude; as freiras de um convento que torturam durante três anos uma religiosa que tenta fugir com seu amante). De um modo geral, o romance critica a hipocrisia de toda a sociedade, visto que, se dizendo tementes a Deus e fiéis à virtude, as personagens se comportam de forma imoral e desumana. Seus vícios e ambições levam-nos à morte, da mesma forma que *El Gitano*.

Em 1831 *Atar-Gull* causa escândalo não somente por seu sarcasmo, como também pela insolência de seu final. Sombria, a obra denuncia o tráfico negreiro e cada etapa que o compõe:

- tribos africanas que, em guerra entre si, vendem seus inimigos como escravos;
- contrabandistas que tratam os negros como mercadoria;
- proprietários de terras que humilham e exploram seus escravos tratando-os como animais.

Observa-se uma interessante mudança de valores durante a formação da personagem principal que, inicialmente guerreiro, íntegro e justo, torna-se amargo, dissimulado e vingativo, em resposta a toda a violência à qual ele é exposto. Assim, simulando fidelidade e submissão a seu proprietário, Atar-Gull

se vinga do mesmo infringindo-lhe, tanto quanto aos demais membros de sua família, sofrimentos atrozes. Após ter concretizado sua vingança, Atar-Gull, a quem todos admiram por seu devotamento, é recompensado por um prêmio de virtude, mostrando o quanto a sociedade se mostra apegada às aparências. Apesar de ter seus objetivos alcançados, o anti-herói terá um final solitário, atormentado por seu ódio pelos brancos e falsamente convertido ao cristianismo. Assim, em *Atar-Gull*, os homens em geral, independentemente de sua raça ou classe social, se voltam à maldade e à violência, cada personagem sendo vítima e carrasco em um determinado momento. *Atar-Gull* conhecerá em 2011 uma nova versão, desta vez em quadrinhos, sendo novamente bem acolhido pelo público.

Passemos agora a *Salamandre*, publicada em 1832 pela *Revue de Paris*, e que reafirma o talento e a habilidade de Sue para colorir e dar vida à narrativa, colocando-o entre os escritores marítimos mais lidos de sua época. Abordando pela primeira vez a vida mundana, a narrativa terá como temas centrais o naufrágio e o canibalismo, e exclui qualquer regra de moralidade, ao apresentar a degradação moral de suas personagens.

Comandado com rigor pelo imediato Pierre Huet, *Salamandre* é um barco que parte em direção à Índia e que tem entre seus passageiros Alice, jovem órfã acompanhada por sua tia; Paul, filho de Pierre Huet e apaixonado por Alice; e Szaffie, personagem cruel e estranha cujas palavras perturbam e influenciam os mais inocentes. Ao longo da narrativa Szaffie manipula Paul e seduz Alice, que até então juravam amor eterno, para enfim tratar a jovem com descaso e zombaria. O capitão do navio, Formon, antigo burguês que a Restauração acaba de transformar em comandante do barco, é inexperiente enquanto marinheiro, e o imediato, embora percebendo a incapacidade do novo capitão, dissimula sua inexperiência aos demais membros da equipagem, por respeito ao código de conduta e ao grau de seu superior. Após vários erros de navegação, o navio acaba por se chocar contra um banco de areia. Todos abandonam a embarcação, com exceção do inexperiente capitão, que por uma manipulação de Szaffie fica preso em sua cabina. O destino dos sobreviventes não será menos cruel: vagando por vários dias em alto-mar numa pequena embarcação, todos serão conduzidos por Szaffie, pela fome e pelas paixões a tornar-se cruéis e canibais. Alice e a tia morrerão afogadas antes que Pierre Huet, Paul e Szaffie sejam resgatados por um barco. De retorno à França, Pierre é condenado injustamente à pena de morte e recusa-se a assegurar sua defesa para não comprometer a imagem de seu superior. Um mês após sua execução, seguida pelo suicídio de seu filho Paul, o capitão Formon, a quem todos julgavam morto, retorna à França após ter

escapado de uma tribo africana à qual havia sido vendido pelos piratas que o haviam capturado. O capitão recebe todas as honrarias por sua coragem e mesmo podendo esclarecer os fatos, não o fará, mostrando uma vez mais que virtude e moralidade não são jamais recompensadas.

O último romance-marítimo que aqui abordaremos foi publicado em 1833 sob o título *La vigie de Koat-Ven*⁸, tratando-se da primeira das obras de Sue a apresentar um quadro histórico. Se por um lado notamos na inovação das cenas um misto de exotismo marítimo e de históricas e sangrentas imagens de batalhas travadas pela marinha de guerra francesa, por outro, observamos que Sue continua a retratar a imoralidade e a perversidade humanas em suas personagens (um capitão de navio perverso, libertino, manipulador e ambicioso; um padre inteligente, cínico e atormentado por seu remorso; nobres decadentes; revolucionários que, orgulhosos por serem os novos representantes do povo, são tomados pela febre do poder e se mostram tão cruéis quanto os antigos tiranos do poder absoluto). *La vigie de Koat-Ven*, último grande sucesso de Sue enquanto escritor de romances marítimos, já anuncia, por meio de seu conteúdo histórico, uma mudança na perspectiva do autor que, segundo suas biografias, poderia ser associada ao início de um período de transição ideológica.

Do romance marítimo aos romances histórico e de costumes

Por volta de 1830, em plena expansão do movimento republicano e chegada das primeiras ideias socialistas à França, Sue se junta àqueles que se opõem ao governo ultra-conservador do rei Louis-Philippe I. Nesse mesmo ano Sue, perdendo o avô e o pai, herda uma grande fortuna a qual irá dilapidar em alguns anos. *Dandy* e frequentador da aristocracia, Sue deseja ardentemente dela fazer parte. Alguns dizem que após ter sido recusado sucessivamente por duas aristocratas, Sue teria buscado no socialismo uma espécie de vingança pessoal. No entanto, suas biografias associam à sua ruína pessoal o fim de uma vida mundana e luxuosa. Segundo Legouvé (1886), aos 36 anos, tendo gasto a herança e o dinheiro ganho com suas obras, Sue se encontra sem recursos e sem inspiração. Decide então se isolar em Sologne, região central do Vale do Loire cercada pela floresta, e em meio à solidão, à neve e à paisagem invernal, Sue dá início a um processo de renovação que o coloca no caminho do romance de costumes. Datam desse período, entre outros trabalhos, *Arthur* (1838-1839) e *Mathilde* (1841).

⁸ Publicado em fragmentos pela revista *La France littéraire* assim como alguns capítulos pelas revistas *Les Causeries du monde*, *L'Europe littéraire* et *La Revue de Paris*. Confirma Sue (1907).

*Arthur, ou le journal d'un inconnu*⁹, publicado pelo jornal *La Presse*, é um romance de transição por meio do qual Sue faz uma interessante análise psicológica das personagens. Mistério e suspense marcam a fala do narrador que, sendo igualmente a personagem principal, descreve sua visita a uma propriedade que deseja adquirir assim como seu encontro com o pároco local, responsável pela venda, através do qual ele acaba por descobrir que a propriedade fora o palco de um misterioso assassinato envolvendo os antigos proprietários, assim como seu filho. Finalmente, decide adquirir somente alguns objetos, entre os quais uma harpa. É no interior desta, escondido em um fundo falso, que o narrador encontra o diário do conde Arthur, antigo proprietário assassinado. Por meio das anotações e das visitas que o narrador faz às pessoas por elas retratadas, os mistérios envolvendo a morte das três personagens vão sendo elucidados.

Se em *Arthur* observamos um crescente interesse do autor pelo psicológico na construção de suas personagens, em *Mathilde, ou mémoires d'une jeune femme*¹⁰, chamamos a atenção para o realismo social presente no romance, o qual pode ser observado pelas interessantes referências artísticas ligadas à época e pelos numerosos fatos do cotidiano que permeiam a narração. *Mathilde* irá surpreender não somente por seu “efeito de real”, mas também por seu estilo, bem menos fantasioso do que se esperava de Eugène Sue. A popularidade alcançada por este romance-folhetim, no qual uma jovem esposa, exemplar e infeliz, narra suas confissões, resulta de sua audácia em abordar certos temas ainda bastante controversos para a sociedade da época, tais como as desigualdades de gênero no casamento e a apologia ao divórcio. Apreciado notadamente pelo público feminino, Mathilde parece falar em nome dessas mulheres, vítimas da censura e de seu tempo, que são levadas a discutir temas menos relevantes. Inicialmente publicado em folhetim pelo jornal *La Presse*, o sucesso de *Mathilde* irá levá-lo, mais tarde, à dramaturgia.

Paralelamente ao romance de costumes, Sue escreve romances históricos, nos quais, num misto de romance *noir* e fatos reais, o exotismo marítimo cede aos poucos lugar ao passado. Entre os romances desta fase destacamos *Lautréamont* (1837)¹¹ que relata a história romanceada do Complô de Lautréamont, contra o Rei Louis XIV, ocorrido durante o século XVII, e *Jean Cavalier ou les fanatiques de Cévennes* (1840)¹², que narra a história também romanceada do líder protestante

⁹ Publicado em 32 folhetins pelo jornal *La Presse*. Confira Sue (2016).

¹⁰ Publicado em 70 folhetins pelo jornal *La presse*. Confira Sue (2013).

¹¹ Confira Sue (1972).

¹² Confira Sue (1975).

Jean Cavalier, um dos responsáveis pela revolta que reuniu camponeses e artesãos, em 1865, contra as perseguições desencadeadas pela revogação do Édito de Nantes. Observamos nestas duas obras, associada ao interesse histórico, a presença da crítica social que, embora tímida se comparada às futuras obras, já revela a mudança que se opera em Sue. Em *Lautréamont*, criticando abertamente a aristocracia, Sue rompe definitivamente os tênues laços que ainda mantinha com a burguesia e os salões.

O romance social

Em 1842, de retorno a Paris, Sue começa a escrever o primeiro romance-folhetim que irá exprimir claramente sua mudança de ideologia: *Les Mystères de Paris* (1842-1843)¹³. O romance, mergulhado no abismo social que marca sua época, denuncia as injustiças e as condições subumanas de vida do proletariado, tendo por cenário os lugares mais sombrios e insalubres, até então desconhecidos, de Paris. Ao cinismo característico de suas obras associa-se um tom manifestamente crítico e por um constante pessimismo. A fim de ser o mais fiel possível à realidade que irá descrever, Sue chega a disfarçar-se de proletário e frequenta os mais diversos ambientes e pessoas que compõem esse universo. O caos social que irá encontrar, marcado pelas péssimas condições de trabalho e de vida de homens, mulheres e crianças, pelas injustiças do sistema penal, por crimes e pela prostituição, será retratado com grande fidelidade e desenvoltura pelo autor. Goubeaux, escritor e amigo a quem são enviados os primeiros capítulos dos *Mystères de Paris*, se diz surpreso com a maneira pela qual o texto prende a atenção do leitor. Questionado por ele, Sue afirma ignorar o futuro da trama. A inspiração, como confessaria mais tarde, teria vindo de um artigo publicado no *Journal de Débats* pelo escritor fourierista¹⁴ Victor Considérant, defensor das novas ideias socialistas, sobre o sofrimento e as necessidades da classe proletária. Seria o início de um longo caminho, até então inexplorado, que o tornaria portavoiz de toda uma classe e grande divulgador do romance popular.

Les Mystères de Paris, publicado diariamente em folhetim pelo *Journal des Débats* de 19 de junho de 1842 a 15 de outubro de 1843, narra as aventuras vividas pelo príncipe Rodolphe, e sua busca por um homem, pelos recantos obscuros de

¹³ Publicado em 140 folhetins pelo *Journal des Débats*. Confira Sue (2000).

¹⁴ Fourierismo: Sistema filosófico defendido por Charles Fourier no qual os homens, através de uma nova organização social, seguem suas tendências e paixões. Um novo modo de associação onde as pessoas seriam mais felizes.

Paris. Personagem generosa, inteligente e compreensiva, Rodolphe é o herói do romance. Aristocrata, embora sua identidade e condição social sejam mantidas em segredo, ele é capaz de frequentar as diferentes camadas sociais buscando sempre reparar as injustiças cometidas contra os inocentes. Ao comprovado talento de Sue para o folhetim, tanto no respeito à forma quanto na criação do suspense, associa-se uma grande habilidade de falar sobre e para o povo, numa tentativa de conscientizá-lo de seu lugar não somente no recinto como também no mundo. Quanto à cidade, a originalidade de Sue consiste em apresentá-la em camadas, à imagem dos castelos fantásticos retratados pelo romance gótico, nos quais a parte visível, representada por uma superfície brilhante e prestigiosa, contrasta com o subterrâneo invisível, composto por calabouços, passagens secretas e armadilhas.

Mais do que uma vida elegante e confortável, o prestígio irá lhe proporcionar uma grande influência sobre a classe proletária, produzindo uma espécie de fanatismo. Seus leitores, identificando-se à trama, lhe enviarão inúmeras cartas com críticas e sugestões sobre o destino das personagens, dando início a uma das primeiras obras interativas da história literária. Testemunha do sucesso de Sue, Théophile Gautier (apud THERENTY, 2014) irá escrever: “[...] *des malades ont attendu pour mourir, la fin des Mystères de Paris*”.¹⁵

O sucesso também lhe trará fortes críticas vindas de outros escritores, entre elas a de representar um escritor industrial, capaz de sacrificar o próprio estilo a fim de agradar ao público. Também virá deles o epíteto de *dandy socialista*, o qual, associado indefinidamente a seu nome, ocultará uma obra rica e multiforme.

Após o sucesso dos *Mystères de Paris*, Sue dá início à escrita de *Le Juiferrant*¹⁶, romance-folhetim publicado de 25 de junho de 1844 a 26 de agosto de 1845 pelo jornal *Le Constitutionnel*. Multiplicando o número de personagens, a trama se desenvolve ao longo de diversos séculos, narrando as perseguições sofridas pelos membros de uma família protestante por parte da Companhia de Jesus, na obra tida como uma organização jesuíta secreta e maligna. Mentiras, trapaças, roubos, assassinatos, todas as formas de maldade são permitidas à organização cujo objetivo consiste em se apropriar da imensa fortuna legada à família por um de seus antecessores.

A perseguição aos protestantes, e sua consequente fuga, tem início em 1685, desencadeada pela revogação do Edito de Nantes. Da grande família de outrora restam somente sete membros, disseminados pelo mundo a fim de

¹⁵ “Doentes esperaram para morrer, o final dos *Mystères de Paris*.” (GAUTIER apud THERENTY, 2014, tradução nossa).

¹⁶ Publicado em 170 folhetins pelo jornal *Le Constitutionnel*. Confira Sue (1992).

terem maiores chances de sobrevivência. Cada um deles carrega consigo uma medalha e um documento que, passados de geração em geração, os reconhecem como pertencentes à família, além de indicar quando e onde todos devem imperativamente se reunir a fim de recuperar a herança que lhes cabe. Os sete descendentes, perseguidos incansavelmente pela ordem jesuíta, são protegidos por *Ahasverus*, o Judeu errante, que em alguns momentos conta com a ajuda de seu *double* feminino errante, *Hérodiade*¹⁷. A implicação de *Ahasverus* tem sua origem em laços distantes de parentesco com a família protestante, conforme ele mesmo explica no decorrer da narrativa. Paralelamente a esta e num tom mais místico, outra narrativa informa o leitor sobre a busca de *Ahasverus* pela redenção e expiação de seu pecado, relacionando o judeu errante, representante da perseguição e opressão de um povo, à miséria de seus personagens, que por sua vez simbolizam a opressão de toda uma classe.

Em 1848 a popularidade alcançada por Sue o conduz ao congresso como deputado republicano e socialista. Em dezembro do mesmo ano Louis Napoléon Bonaparte, neto de Napoleão I e Josephine (madrinha de Sue), será eleito presidente pelo partido conservador. Não tardará para que sejam distribuídos os primeiros capítulos dos *Mystères du Peuple, ou l'histoire d'une famille de prolétaires à travers les âges* (1849-1857)¹⁸, romance que expõe claramente o descontentamento político de Sue, e em cuja epígrafe pode-se ler: “*Il n'est pas une réforme religieuse, politique ou sociale, que nos pères n'aient été forcés de conquérir de siècle en siècle, aux prix de leur sang, par l'insurrection.*” (SUE, 2003, p.4)¹⁹.

Em 1851, por meio de um golpe de estado, o então presidente se autoproclama Imperador dos franceses (Napoléon III) e Sue, juntamente com outros membros de seu partido, são perseguidos após criticar abertamente o regime. Enquanto afilhado de Josephine, Sue será agraciado pelo Imperador, mas rejeitará o perdão preferindo o exílio voluntário em Annecy-le-vieux, região então pertencente à Suíça. Seus ideais socialistas, intensificados durante o exílio, serão claramente expressos nos capítulos seguintes dos *Mystères du peuple*, que passarão a ser enviados por correio a seus assinantes.

Serão necessários oito anos para que Sue finalize o que será sua última grande obra, a qual narra a saga da família Lebrenn ao longo de diversas gerações,

¹⁷ A lenda de Hérodiade, princesa judia e neta de Herodes, conta que esta fora condenada a errar eternamente por haver pedido ao marido, através de sua filha Salomé, a cabeça de São João Batista, embora em momento algum Sue aborde esta lenda.

¹⁸ Enviado aos assinantes.

¹⁹ “Não há reforma religiosa, política ou social que nossos antepassados tenham conquistado sem ter pago, com seu próprio sangue, o preço de sua rebeldia.” (SUE, 2003, p.4, tradução nossa).

desde 57 a.C até 1851 d.C, relatando a conquista de suas terras e sua exploração pelo exército romano e a opressão e a dominação exercidas posteriormente pela Igreja e pelo Estado. Por meio de lutas individuais travadas por cada clã contra seu próprio opressor, o que busca a família Lebrenn durante séculos é reviver a liberdade outrora desfrutada por seus antepassados, numa sociedade tida como ideal, presente no início do romance. É por meio do sofrimento, da coragem e da abnegação vividas pelas personagens, que Sue irá denunciar a covardia e a ganância dos governantes assim como da Igreja. Associando suas personagens a controversos quadros e personagens históricos, Sue as torna testemunhas e divulgadoras dos crimes cometidos contra a sociedade ao longo dos séculos.

É ainda interessante observar a evolução dos temas e das personagens de Sue no contexto do romance social. Assim, aos bandidos, assassinos e prostitutas dos *Mystères de Paris*, sucedem, nos *Mystères du peuple*, os massacres, a luta de classes e a opressão; aos personagens oprimidos e resignados dos *Mystères de Paris*, sucedem os oprimidos mas revoltados dos *Mystères du peuple*; enquanto alguns clichês desaparecem, como é o caso das personagens burguesas e aristocratas, presentes tanto nos *Mystères de Paris* quanto no *Juif Errant*.

No entanto, a ousadia de Eugène Sue terá um preço. A obra, acusada de subversiva, será proibida na Alemanha, Itália e Rússia. Condenada sucessivamente pelo Index de Roma e pelos bispos franceses, será considerada pelo Império como tentativa de desmoralização do regime e crime de traição. Pinard²⁰, procurador público, perseguirá Eugène Sue até o final de seu processo. Deprimido e debilitado, Sue morrerá em 3 de agosto de 1857, ainda em Annecy, um mês antes do veredito ordenando o confisco e a destruição de todos os exemplares dos *Mystères du peuple*, obra a qual são imputadas as seguintes acusações:

- ultraje à moral pública e religiosa
- ultraje aos bons costumes
- ultraje à religião católica
- incitação ao ódio e ao desprezo dos cidadãos colocando-os uns contra os outros
- apologia ao crime e aos delitos
- ataque ao princípio de propriedade
- excitação ao ódio e ao desprezo pelo governo

²⁰ Havia sido igualmente procurador nos processos contra Flaubert e Baudelaire, embora tenha falhado com o primeiro, já havia conseguido proibir seis poemas de *Les Fleurs du Mal*. Confira Baudelaire (1973).

Considerações Finais

Este nosso breve percurso pela obra de Eugène Sue oferece-nos assim duas perspectivas: a primeira delas relacionada ao contexto social e político de sua época; a segunda, à própria evolução do autor/homem dentro de seu contexto literário/social.

Do ponto de vista estético, uma observação diacrônica das obras que aqui selecionamos revela-nos uma concomitância, cada vez mais evidente, do tom pessimista, característico desta fase do romantismo, e da busca pelo efeito de real, prenúncio de uma nova estética. No entanto, embora o pessimismo represente uma constante no conjunto de sua obra, notamos uma gradual mudança de perspectiva, expressa pela atitude de suas personagens face à opressão. Assim, se em suas primeiras obras o reconhecimento nunca é associado à virtude e à moral, aos poucos, nota-se que a imoralidade nem sempre prevalece, para mais adiante nos darmos conta de que à submissão e à resignação devem-se sobrepor a revolta e a luta.

Intimamente ligado às transformações sociais que marcaram o século XIX francês, o romance social oferece a Sue a chave para interagir com um novo público-leitor, um público talvez esteticamente menos exigente, mas sedento de emoções, abrindo assim definitivamente as portas ao romance popular. Acreditamos que ao dar início à escrita dos *Mystères de Paris*, Eugène Sue não poderia imaginar que se tornaria o porta-voz de toda uma classe. Seu talento e sua habilidade o levaram a criar os laços que o ligaram estreitamente às suas personagens, assim como àqueles que por elas eram representados. O que nos leva a pensar que, tendo inegavelmente influenciado de alguma forma seu público-leitor, em sentido inverso, Eugène Sue também tenha sido influenciado por ele, assim como por sua própria escrita. Aqui nos aproximamos de Legouvé (1886), segundo o qual, enquanto a imaginação de Sue transformava sua alma, seus personagens passavam a ditar sua conduta.

Ainda hoje se discute se o que movia Eugène Sue seria sua convicção ou puro cálculo. O que é certo é que sua imaginação, ironia e audácia, associadas a um estilo único, contribuíram para sua superioridade. E o que resta hoje do imenso sucesso de Sue? Embora alguns de seus romances ainda sejam lidos por um pequeno público, grande parte de suas obras foi aos poucos sendo esquecida, perdendo espaço na opinião geral. Esperamos que esta breve exposição possa despertar o interesse por Eugène Sue, fazendo jus a seu papel de grande divulgador da literatura popular. Esperamos igualmente ter dado nossa contribuição para que

um dia, à imagem do que ele próprio fizera à classe proletária, seu nome encontra o lugar que lhe é devido no contexto literário para o qual tanto contribuiu.

EUGÈNE SUE, THE FORGOTTEN KING OF FEUILLETON

ABSTRACT: *The important place conquered by the feuilleton in the nineteenth-century France, as well as in other countries, including Brazil, is intimately associated with the figure of Eugène Sue, a French writer of the third Romantic generation. Although relatively unknown, he was one of the biggest promoters of popular literature. The success achieved with *Les Mystères de Paris* (1842-1843), his first novel in which the gothic and the urban universes are associated, besides inspiring other writers who would stand out even more than himself in the genre, opens the door to the popular literature that inspires other styles, such as crime novels. Moreover, the new communication media, such as the radio and the television, would give an important contribution to the evolution and maintenance of the feuilleton, insuring its success until now, with a new design. However, although the genre has been perpetuated, the same didn't happen to Sue, whose name, rarely remembered, is occasionally quoted in literary manuals. This article, recognizing the importance of his work for the literary context, aims to promote some of his novels, making a sort of parallel between the evolution of the writer and the evolution of the man.*

KEYWORDS: *Feuilleton. Novel. Eugène Sue. Maritime literature. Social novel. French literature.*

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, C. **Les fleurs du mal**. Suivies de Pièces condamnées. Paris: Tallandier, 1973.

BORY, J.-L. **Eugène Süe, dandy mais socialiste**. Paris: Hachette, 1962.

LACASSIN, F. Préface. In: SUE, E. **Le Juif errant**. Paris: Editions Robert Laffont, 1983.

LEGOUVÉ, E. **Soixante ans de souvenirs**. Paris: J. Hetzel, 1886.

SUE, E. **Arthur, ou le journal d'un inconnu**. Paris : Collection XIX, 2016.

_____. **Mathilde, ou mémoires d'une jeune femme**. Paris : CreateSpace Independent Publishing Platform, 2013.

_____. **Kernok le pirate**. Paris: Oskar éd. 2012.

_____. **Les Mystères du peuple ou l'histoire d'une famille de prolétaires à travers les âges**. Paris: Robert Laffont, 2003.

_____. **Les mystères de Paris**. Paris: J. de Bonnot, 2000.

_____. **El gitano**. Paris: Deux coqs d'or, 1996.

Taciana Martiniano de Oliveira

_____. **Le Juif errant**. Paris: R. Laffont, 1992.

_____. **Les mystères du peuple**. Paris: R. Deforges, 1977.

_____. **Jean Cavalier ou les fanatiques de Cévennes**. Paris: Éditions de Saint-Clair, 1975.

_____. **Lautréamont**. Genève: Ed. de Crémille, 1972.

_____. **Salamandre**. Paris : Denoël (Évreux, impr. Labadie), 1966 .

_____. **Atar-Gull**. Paris, Editions La Bruyère, 1952.

_____. **La Vigie de Koat-Ven**. Paris : la Librairie mondiale, 1907.

THERENTY, M.-E. Présentation. Les mystères urbains au prisme de l'identité nationale. In: _____. (dir.). **Les Mystères urbains au prisme de l'identité nationale**. Médias 19 [En ligne], 2014. Disponível em: <<http://www.medias19.org/index.php?id=15580>>. Acesso em: 30 out. 2017.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

BOZZETTO, R. Eugène Sue ou le fantastique romantique. **Europe**, Paris, n.643-4, p.101-110, 1982.

SCHAPOCHNIK, N. Edição, recepção e mobilidade do romance Les mystères de Paris no Brasil oitocentista. **Varia hist.**, Belo Horizonte, v.26, n.44, Jul./Dez. 2010.

